



ENCONTRO INTERNACIONAL
A UNICIDADE DO CONHECIMENTO



CIEP
Centro de Investigação em
Educação e Psicologia

RELIGIÃO/MEDICINA: UMA QUESTÃO DE FÉ? – O SANTO LENHO DE VERA CRUZ DE MARMELAR (PORTEL) E AS “POSSESSÕES DEMONÍACAS”

Natália Maria Lopes Nunes¹

O tema desta comunicação insere-se numa pesquisa que efectuámos em 2004 sobre o culto do Santo Lenho e de outros cultos praticados no Concelho de Portel, descritos na obra *Relação Histórica da Nobre Vila de Portel* de Francisco de Macedo da Pina Patalim, trabalho que, infelizmente, ainda se encontra à espera de publicação por parte da respectiva Câmara Municipal.

Desde há muitos séculos que existem relatos dos milagres operados pelo Santo Lenho de Vera Cruz de Marmelar (Portel): o nascimento do Infante Santo, a Batalha do Salado, casos de possessão demoníaca, etc. A relíquia, supostamente trazida por um freire da Ordem do Hospital - Afonso Peres Farinha - , teria vindo da Terra Santa aquando de uma sua viagem. O freire enriqueceu a Igreja da Ordem com a preciosa relíquia, cujo transporte foi motivo de dois milagres: o aparecimento de uma nascente conhecida como Fonte Santa e o surgimento de um pinheiro. Porém, no âmbito desta comunicação não nos cabe tratar dos aspectos lendários, mas da fama que a Igreja de Vera Cruz de Marmelar obteve com os exorcismos efectuados contra as denominadas possessões demoníacas.

Durante muitos séculos, as doenças foram consideradas manifestações dos castigos divinos e, muitas das vezes, esses castigos eram considerados sinais da

¹Professora do Ensino Secundário - Escola Secundária Augusto Cabrita - Barreiro

NUNES, N. (2007) Religião/medicina: uma questão de fé? – o santo lenho de vera cruz de marmelar (portel) e as “possessões demoníacas”. In, V. Trindade, N. Trindade & A.A. Candeias (Orgs.). *A Unicidade do Conhecimento*. Évora: Universidade de Évora.

possessão demoníaca. Assim, desde as civilizações mais antigas que o homem acredita na presença de forças negativas que lhe atormentam a vida. Sendo o mundo considerado dualista (dualidade que os gnósticos muito se empenharam em defender, sobretudo os maniqueístas), as forças do Bem, a Luz, opunham-se às forças do Mal, as Trevas. Para combater os poderes maléficos dessas forças, o homem recorreu à magia. Esta baseou-se essencialmente nas crenças orientais que se difundiram para o Ocidente, dando lugar ao desenvolvimento das Religiões de Mistérios (por exemplo, os Mistérios de Elêusis), do Gnosticismo, da Alquimia, da Astrologia, etc.

A necessidade do ritual mágico, manual ou oral, tornou-se fundamental nas sociedades primitivas, chegando até aos nossos dias. Como afirma Domingo Salado Martinez «la magia, rito operativo por excelência, será así, además de una proyección un “ingrediente intrínseco” del cosmos en cuanto éste afecte vitalmente al hombre».²

A magia surge como algo que é indispensável ao ser humano, libertando-o dos seus males e angústias. Muitas das doenças tinham como explicação a intervenção diabólica e, contra esta, o exorcismo era considerado o ritual mais eficaz. Todavia, como refere A. D. White, «a noção da possessão diabólica implantou-se solidamente em toda a christandade, desde o papa até ao aldeão mais obtuso, popularidade pela imagem, pelo predica e pela propria Biblia».³ Apesar da possessão demoníaca e dos exorcismos serem, inicialmente, criticados pelo Cristianismo, a Bíblia apresenta vários casos e, ao longo da História do Cristianismo, verifica-se que a própria Igreja acabou, de certa forma, por renunciar às explicações científicas, adoptando a crença da possessão demoníaca no ser humano. Esta crença foi desenvolvida a partir de diversos factores, de entre eles, os textos bíblicos, as ideias apresentadas por alguns Padres da Igreja e pela filosofia platónica. As ideias circularam rapidamente, levando os teólogos a entenderem as doenças do foro psicológico e neurológico, por exemplo a histeria e a loucura, como casos de possessão demoníaca.

Curiosamente, ainda na Antiguidade, antes de surgir a Psicologia e a Psiquiatria, nomes como o de Hipócrates salientam que essas doenças tinham outra explicação: «no século V antes da era christã, Hippocrates de Cos affirmou essa verdade – que a loucura era simplesmente uma doença do cerebro».⁴

Com o Cristianismo, desenvolveu-se uma figura contra a qual o homem teve de lutar constantemente – o Diabo. Um grande difusor da figura do Diabo foi o monaquismo. Muitos monges e eremitas foram tentados e existem vários relatos sobre a vida dos padres do deserto, cuja vivência foi um conflito permanente com as tentações demoníacas. Segundo Georges Minois:

² Domingo Salado Martinez, *La Religiosidad Mágica – Estudio Crítico-fenomenológico sobre la Interferência Magia-religion*, p. 72.

³ A. D. White, *Historia da Lucta entre a Sciencia e a Theologia*, p. 312.

⁴ Idem, p. 302.

NUNES, N. (2007) Religião/medicina: uma questão de fé? – o santo lenho de vera cruz de marmelar (portel) e as “possessões demoníacas”. In, V. Trindade, N. Trindade & A.A. Candeias (Orgs.). *A Unicidade do Conhecimento*. Évora: Universidade de Évora.

Um dos clássicos do género é a Vida de Santo Antão, redigida por volta de 360 por Atanásio, onde este conta até ao pormenor as provações do célebre eremita. As tentações de que foi vítima, todas elas provocadas pelo Diabo, alimentaram não só sucessivas gerações de monges, como pintores de épocas diversas.⁵

Na Idade Média, principalmente no século XIII, estendendo-se depois até ao século XVI, a demonologia teve um grande progresso, daí as perseguições feitas pela Inquisição a bruxas e feiticeiras. Em 1484, o papa Inocêncio VIII lançou uma bula contra as feiticeiras, marcando o início da grande perseguição à feitiçaria. É ainda de salientar que a crença nos demónios e em seres sobrenaturais entrou na religião popular, fazendo parte da memória colectiva de um povo que parecia comungar de uma mesma “alucinação”. Citando Maurice Bouisson:

Nesse ambiente mágico, os estados psíquicos que se desenvolvem numa atmosfera de alucinação e de auto-sugestão colectiva podiam fazer nascer uma nova individualidade, ao mesmo tempo humana e demoníaca. “ A minha cabeça é um Sabbat onde tu és todas as feiticeiras”, diz Goetz a Hilde em *Le Diable et le Bom Dieu* de Sartre.⁶

Para combater as forças do mal, foram escritas várias obras de demonologia para instruírem os clérigos: «foram compostos manuais destinados a instruí-los sobre o sabate, sobre as práticas de feitiçaria e de bruxaria e, sobretudo, sobre as características dos seus praticantes, de modo a permitir a sua identificação e posterior denúncia».⁷

De entre esses manuais, destacam-se *Malleus Maleficarum* (1486) de Sprenger e Instoris, *Tractatus de Superstitione* (1510) de Martinho de Arles, *De Praestigiis Daemonum* (1567) de Jean Wier, *De la Démonomanie* (1580) de João Bodin, etc.

Na luta contra o Diabo, o exorcismo tornou-se uma das práticas mais correntes. O vocábulo deriva do grego “exortimos” que significa conjuração e, neste sentido, e como afirma Fernando H. S. Torres:

O exorcismo é uma cerimónia com vista a expulsar seres espirituais dos corpos das pessoas, ou a afugentar os demónios dos lugares ou dos objectos de que se tenham apossado, ou mesmo a purificar elementos de culto, como o sal e a água, com vista a torná-los, eles mesmos, propícios para exorcizar. De uma maneira geral, pode dizer-se que é a cerimónia mágico-religiosa através da qual o oficiante afugenta os demónios ou outros seres espirituais, em nome de Deus, donde quer que eles se encontrem.⁸

Inicialmente, o ritual podia ser efectuado por qualquer cristão, sendo o baptismo o primeiro ritual exorcista que o cristão recebia (nele se renuncia a

⁵ Georges Minois, *O Diabo*, p. 48.

⁶ Maurisse Bouisson, *A Magia*, p.235.

⁷ Georges Minois, op. cit., p. 73.

⁸ Fernando Hélder Sequeira Torres, *Contribuições para o Estudo dos Cultos de Possessão*, p. 28.

NUNES, N. (2007) Religião/medicina: uma questão de fé? – o santo lenho de vera cruz de marmelar (portel) e as “possessões demoníacas”. In, V. Trindade, N. Trindade & A.A. Candeias (Orgs.). *A Unicidade do Conhecimento*. Évora: Universidade de Évora.

Satanás e se exorciza através da água benta e dos óleos sagrados). Posteriormente, já no século V, o ritual do exorcismo apenas é permitido perante uma autorização do bispo e, no século XVI, o ritual é codificado:

Leão X impõe à Igreja o ritual elaborado em 1523 por Alberto Castellani, no seu *Liber Sacerdotalis* [...]. Os critérios de possessão mencionados nessa obra são numerosos e, não raro, imprecisos [...]. Em 1614, Paulo V corrige essas imprecisões mandando publicar o *Ritual Romano*, que se manteve praticamente inalterado até hoje, salvo algumas ligeiras alterações introduzidas em 1926 e em 1952.⁹

O manual do *Ritual Romano* apela à prudência dos exorcismos, oferecendo-lhes normas para a prática do ritual, o qual deverá ser feito numa igreja. Este era praticado em nome de Jesus, utilizando-se óleos sagrados, água benta, incenso, relíquias sagradas, a cruz e orações.¹⁰ Estas últimas tinham um valor extremamente importante, visto serem consideradas palavras sagradas. Por outro lado, o poder do padre exorcista era igualmente relevante. Todas as suas acções, palavras e gestos adquiriam um carácter simbólico, interagindo numa simbiose onde está subjacente a fé de um povo:

A crença na possessão parece ser assim, a resultante de um conhecimento inconsciente, universalmente partilhado. Produto natural, plástico, e subtil que não é apenas uma criação, mas é também uma sujeição naturalmente aceite em virtude da eficácia de que de outro modo não é jus encontrar-se.¹¹

No século XVI, inicia-se uma maior investigação na medicina sobre os casos até então considerados como possessão. Nesta atitude investigadora sobressai o nome de Paracelso (1493-1541):

Foi elle o primeiro que suggeriu a ideia de que esta doença não era devida a santos nem a demonios e que “possessão dansante” era simplesmente uma forma de doença que podia curar-se por meio de remedios e d’un regimen apropriado [...]. Durante perto de 50 anos, as ideais de Paracelso ficaram retidas e occultas.¹²

No entanto, a crença no poder da cura através do exorcismo vem também ao encontro daquilo que Paracelso preconizava, ao considerar a religião a base da medicina. Na sua opinião, o primeiro doutor do homem era Deus. Este aspecto é extremamente importante no que diz respeito à prática do exorcismo, a qual deve ser analisada a partir dos textos bíblicos. Nos Evangelhos revela-se o confronto entre as duas forças – o Bem (Deus) e o Mal (Diabo). Além disso, a luta contra os poderes do Diabo é um dos principais objectivos da missão de Cristo. A Bíblia apresenta vários casos de exorcismo e, aquilo a que podemos chamar de primeiro

⁹ Georges Minois, op. cit., p. 79.

¹⁰ O ritual do exorcismo ainda continua, actualmente, a ser praticado desta forma.

¹¹ Fernando Hélder Sequeira Torres, op. cit., p. 248.

¹² A. D. White, op. cit., 326.

NUNES, N. (2007) Religião/medicina: uma questão de fé? – o santo lenho de vera cruz de marmelar (portel) e as “possessões demoníacas”. In, V. Trindade, N. Trindade & A.A. Candeias (Orgs.). *A Unicidade do Conhecimento*. Évora: Universidade de Évora.

exorcismo, foi praticado por S. Miguel. Ele travou a grande luta contra o Diabo. No Livro de Daniel diz-se o seguinte:

Naquele tempo surgirá Miguel, o grande príncipe que protege o povo ao qual pertence: será uma hora de grandes aflições, tais como jamais houve desde que as nações começaram a existir até ao tempo actual. Então o teu povo será salvo, todos os que estiverem inscritos no livro. (Daniel, 12:1)

Contudo, é no Apocalipse que a luta apresenta elementos muito mais explícitos sobre o Bem e o Mal:

Travou-se então uma batalha no Céu: Miguel e seus Anjos guerrearam contra o Dragão. O Dragão batalhou juntamente com os seus Anjos, mas foi derrotado, e no céu não houve mais lugar para eles. Esse grande Dragão é a antiga Serpente, é o chamado Diabo ou Satanás. É aquele que seduz todos os habitantes da terra. O Dragão foi expulso para a terra, e os Anjos do Dragão foram expulsos com ele (Apocalipse, 12: 7-9).

Porém, na Bíblia, o grande exorcista é Jesus Cristo. O Evangelho de Marcos relata um caso curioso de exorcismo praticado por Jesus. Ele libertara os espíritos de um homem possuído, transformando-os em porcos:

Vendo Jesus de longe, o endemoninhado correu, caiu de joelhos diante d’Ele e gritou bem alto: “Que há entre mim e Ti, Jesus, Filho do Deus altíssimo? Eu Te peço por Deus: não me atormentes!” O homem falou assim, porque Jesus tinha dito: “Espírito mau, sai deste homem! Então Jesus perguntou: “Qual é o teu nome?” O homem respondeu: “O meu nome é Legião, porque somos muitos”. E pedia com insistência para que Jesus não o expulsasse da região.

Havia ali perto uma grande vara de porcos, a pastar na montanha. Os espíritos maus saíram do homem e entraram nos porcos. E a vara – mais ou menos uns dois mil porcos – atirou-se pelo monte abaixo para dentro do mar, onde se afogou (Marcos, 5: 6-13)

Para além deste exorcismo, existem referências a outros: sobre vários possessos (Mateus, 8: 16); de um mudo (Mateus, 9: 32-34); de um cego e mudo (Mateus, 12: 22-23); do menino epiléptico (Mateus, 17: 14-20); da mulher possessa e encurvada (Lucas, 13: 10-13)

No século XIX, o Papa Leão XIII teve uma visão onde observou uma discussão entre Jesus e o Diabo porque este último pretendia destruir a Igreja. O papa entregou por escrito a oração de um exorcismo que invocava a protecção de S. Miguel no combate dos espíritos malignos que pretendiam a perdição das almas e que deveriam ser lançados no inferno. Essa oração de exorcismo foi utilizada no ritual até à reforma do Vaticano II que acabou por suprimir o exorcismo de S. Miguel Arcanjo

Para o Cristianismo, o remédio contra a possessão reside numa série de ritos que, para além do exorcismo em nome de Deus, passa também pela oração, confissão, comunhão, jejum e pelo uso de objectos bentos. Todavia, a questão da possessão tem levantado, desde longa data, muita polémica. Para alguns, o estado de possessão aproxima-se do transe e do êxtase, sendo um fenómeno que se dá em pessoas de natureza histérica e psicótica, ou seja, com grande capacidade de dissociação. Neste sentido, as crises são explicadas segundo estruturas nevróticas e psicóticas que desencadeiam esse tipo de comportamentos. Por outro lado, as diferentes personalidades, por vezes manifestadas pelos possessos, poderão ter subjacentes traumatismos emocionais, sobretudo de ordem sexual. Outros consideram ainda que a possessão pode ser desencadeada devido à alcalinidade do sangue, pela hipoglicémia, pelo uso de certas drogas, ou outros elementos bioquímicos.

Para combater a bruxaria e a denominada possessão diabólica, dá-se um passo em frente na Ciência – o nascimento da Psiquiatria. No século XVI, o Cristianismo vê-se confrontado com a Reforma Luterana e, posteriormente, com a Contra Reforma do Concílio de Trento, todavia, surgem os primeiros médicos ligados à nova terapia: Jean Wier (médico holandês), e Paulus Zachias (médico italiano), este último, perito em medicina e em teologia, era, inclusivamente, médico do Papa.

No século XVIII, alguns teólogos, e o próprio Papa, consideram que muitos dos fenómenos de possessão tinham a sua origem em perturbações físicas:

Des théologiens et le Pape Benoit XIV lui-même (1740-1758) avaient déjà attiré l'attention des exorcistes et des médecins sur les phénomènes extraordinaires et apparamment diaboliques qui peuvent résulter de troubles physiques.¹³

Perante as dúvidas que poderiam surgir para avaliar o processo, era obrigatório uma averiguação do paciente – o que revelava da parte da Igreja alguma prudência no que diz respeito aos fenómenos paranormais atribuídos ao Diabo.

A nível da Psicanálise, para Freud, a explicação para os casos de possessão reside no recalçamento de desejos. Para o psicanalista, a vivência do ser humano baseia-se num jogo de forças e de conflitos, cujas peças são o consciente, o pré-consciente e o inconsciente. É da confluência destas três instâncias (onde se incluem as pulsões e os interditos interiorizados) que nasce o recalçamento, cujo automatismo é feito de forma inconsciente. No fundo, o recalçamento é uma forma de resistência. Porém, muitas das vezes, o indivíduo desencadeia alterações de comportamento, as denominadas neuroses e histeria, que resultam precisamente do conflito entre o social e o ético, estando subjacentes desejo(s) recalçado(s). Essas alterações do comportamento, a nível da Psicanálise, podem manifestar-se sob várias formas: obsessão, histeria, neurose traumática, etc. Na maioria dos casos, estas manifestações são consequência de uma educação muito repreensiva

¹³ R. P. Reginald-Omez, *Supranormal ou Surnaturel? – Les Sciences Métaphysiques*, p. 13.

ou por uma educação super-protegida ou permissiva que desencadeiam, dentro das afectividades, esses conflitos. Assim, quando existe uma ruptura entre o afecto e a sua representação real, e quando deles fica apenas a representação, desenrola-se o processo de recalçamento, ou seja, é da ruptura entre o afecto e a representação que nasce o recalçamento.

Por outro lado, para Freud, esse tipo de comportamentos, que se podem classificar como histéricos, resultam de um conflito, cuja origem reside no Complexo de Édipo. Neste conflito, desenvolve-se um dinamismo entre o “id”, o “ego” e o “super-ego”, sendo o resultado final o sentimento de culpabilidade.

A explicação dada por Freud para este tipo de comportamentos é apenas um pequeno exemplo de como o neurótico deixa transparecer vestígios de uma fixação incestuosa onde estão em conflito diversos aspectos ligados à infância e à psico-sexualidade que não foram libertadas atempadamente. Abordando esta visão de Freud, Fernando Torres afirma que «sempre que há uma ressurgência do inconsciente, os desejos reprimidos são metaforizados em demónios [...], o sujeito possesso assume-se no papel desse Demónio que não faz outra coisa do que ser teatralizado na condição de bode expiatório».¹⁴

Perante os elementos apresentados, colocamos a seguinte questão: existirão mesmo possessos, ou os seus problemas serão apenas do foro psiquiátrico? Porém, como nos meios rurais grande parte da população tinha fracos recursos financeiros para poder recorrer à Psiquiatria ou Psicanálise, recorria a exorcismos praticados nas igrejas para curarem a epilepsia e outros problemas mentais e físicos. Apesar das actuais explicações da Ciência (Medicina) e da Psicanálise para os casos de possessão, na religiosidade popular, o problema adquire outros contornos. Na mentalidade do povo, a possessão consiste em estar possuído pelo Demónio, incarnando o ódio, o conflito e a discórdia. A sua manifestação é expressa pelas alucinações, tentações e obsessões. Assim, num momento de crise, o possesso manifesta atitudes que vão desde as contorsões, ataques de raiva, palavras estranhas e incompreensíveis, blasfémias, transe, perda de controlo.

A possessão demoníaca, ou mesmo a histeria, aproximam-se igualmente do delírio orgiástico das Bacantes no culto dionisíaco:

Em muitos aspectos, o delírio das Bacantes, com os seus movimentos convulsivos e espasmódicos, a flexão do corpo para trás, o descaimento e a agitação da nuca, faz lembrar as afecções neuropáticas, perfeitamente descritas hoje em dia, que implicam o sentimento de despersonalização, da usurpação do Eu por uma pessoa estranha, aquilo que é precisamente o entusiasmo dos Antigos, isto é, a possessão (SECG, 292). Simbolizam a embriaguez de amar, o desejo de ser penetrados pelo deus do amor, bem como a irresistível influência desta loucura, que é como uma arma mágica de deus (JEAD).¹⁵

¹⁴ Fernando Hélder Sequeira Torres, op. cit., p. 52.

¹⁵ Jean Chevalier, Alain Gheerbrant, *Dicionário dos Símbolos*, «BACANTES» p. 109.

Após os momentos de crise, o possesso entra num período de serenidade, não se lembrando de nada daquilo que disse ou fez anteriormente. Segundo os teólogos, os grandes sintomas da possessão são precisamente a força desmedida, o uso de uma linguagem desconhecida e, por vezes, o facto de o possesso revelar alguma vidência. Muitas das vezes, o próprio doente entrava (e entra) num jogo de emoções e de sentimentos que o levavam a acreditar que estava realmente possuído pelo Demónio, aspecto que, na maior parte das vezes, era alimentado pelos membros da família e por toda a comunidade. Neste sentido, o indivíduo convence-se de que está mesmo possuído pelo Demónio: «à certains moments, elle est vraiment convaincue d’avoir vu, entendu, accompli tout ce que son imagination a crée et elle est persuadée qu’elle est véritablement le personnage intéressant, illustre, heroïque ou malheureux qu’elle joue».¹⁶

Exemplo flagrante desta situação é o caso que nos relata E. Teixeira e Mariano Feio sobre um caso de possessão ocorrido nos anos oitenta: um rapaz de 16 anos tinha crises que, para a família, eram inexplicáveis, considerando-o possuído pelo demónio ou por uma alma do outro mundo. A família, em vez de encaminhar o rapaz para médicos que tentassem averiguar e diagnosticar o doente, andavam num rodopio de bruxo para bruxo e, apesar de um dia, no Hospital de Santa Maria, lhe ter sido diagnosticada a doença de nervos e muita fraqueza, a família continuou a frequentar pelo país fora diversos bruxos e exorcistas. Ainda recorreram à Igreja de Vera Cruz de Marmelar mas, curiosamente, o doente nunca manifestou nenhuma crise para que pudesse ser aí exorcizado pelo padre: «segunda visita ao Santo Lenho. A família resolveu fazer nova tentativa, agora com melhores possibilidades de êxito porque a alma já falava [...]».

No Santo Lenho, o possesso devia ter um ataque ao entrar na igreja, como reacção da alma que não queria sofrer o exorcismo, mas tal não aconteceu: a missão tinha falhado».¹⁷

A pressão sobre o adolescente foi tão grande que o levou até à tentativa de suicídio. Ainda frequentou algumas consultas de Psiquiatria em Lisboa, embora os familiares continuassem a frequentar outros locais ligados às artes mágicas (em Cuba, Abrantes, Castelo Branco, etc.). As crises duraram cerca de cinco anos, acabando por diminuírem gradualmente e chegando-se, posteriormente, à conclusão de que o verdadeiro problema dele eram ataques epilépticos, doença hereditária, visto ter sido diagnosticada em outros familiares.

No século XVIII, Francisco de Macedo da Pina Patalim descreve um grande milagre operado pelo Santo Lenho. O exorcismo foi efectuado em Vera Cruz com o Santo Lenho de Marmelar. No momento em que o endemoninhado ia receber a comunhão, algo de insólito aconteceu:

¹⁶ R. P. Reginald-Omez, op. cit., p.50.

¹⁷ E. Teixeira; Mariano Feio, *Um Caso de Possessão numa Aldeia do Alentejo nos Anos 80*, p.136.

Não comungou logo, antes falando diversas línguas, contumaz, e blasfemo, lhe foi posta diante a preciosa relíquia, não sofrendo o contacto dela, e sendo-lhe mandado, que a adorasse e obedecesse, o fez em presença de todos, dizendo a venerava e reconhecia por ser parte daquela em que Cristo padeceu pela redenção do género humano [...]; porém continuando em atormentar aquele corpo, com mesma rebeldia e contumácia, cujos olhos pareciam infernal fogo, boca e língua, tão medonha e preta, que causava horror.

Mandou o Pároco Exorcista que logo em virtude da Santa Cruz e relíquia deixasse aquele corpo, e se ausentasse dele para sempre, e como não sofria o contacto da sagrada relíquia, logo deixando aquele corpo, deu também sinal de mais lhe não entrar o que prometia, lançou pela boca uma conta amarela, que hoje se conserva enfiada para mostra de quem o quer ver; e assim ficou aquele corpo livre, bendita e louvada seja a onnipotência Divina, a quem obedece, e de quem o inimigo infernal treme [...].¹⁸

Os casos considerados de possessão eram presenciados por diversos membros da população e, no caso de Vera Cruz de Marmelar, conferiram-lhe uma grande notoriedade na luta contra a demonologia através do exorcismo, contribuindo, igualmente para o aumento das receitas e dos bens da Igreja. O Dr. António Saias, testemunha de um caso, vem dar crédito aos poderes sobrenaturais que o povo atribuía ao Santo Lenho no exorcismo:

Ao fundo da sacristia agigantava-se silencioso o vulto do prior trazendo nas mãos o Santo Lenho [...] depositando sobre a mesa a santa relíquia, veio sobre a possessa e segurando-lhe a cabeça com a mão férrea e voz troante ordenou violento: “eu te esconjuro, demónio; larga este corpo que não é teu e recolhe-te às profundezas do Inferno!”

Três vezes ele repetia com dureza a intimação [...].

Como num êxtase, a rapariga caiu no lajeado da sacristia e para ali se ficou quieta e silenciosa enquanto o esconjurador lhe aspergia água benta e santos óleos [...].

Deram-lhe a beber água fresca, de um velho cântaro [...], readquirindo forças, se sentiu liberta de seus males e foi com comitiva deixar uma esmola para as obras da Igreja.¹⁹

Ao longo dos séculos, talvez a partir do século XVII, o exorcismo foi uma prática corrente nesta igreja, chegando até aos nossos dias. Fernando Torres, no seu estudo sobre os cultos de possessão, relata o exercício desse rito praticado em Vera Cruz pelo padre António Sequeira:

¹⁸Francisco de Macedo da Pina Patalim, *Relação Histórica da Nobre Vila de Portel*, ed. fac-símile, maço n.º 13.

¹⁹E. Teixeira; Mariano Feio, op. cit., p.170.

NUNES, N. (2007) *Religião/medicina: uma questão de fé? – o santo lenho de vera cruz de marmelar (portel) e as “possessões demoníacas”*. In, V. Trindade, N. Trindade & A.A. Candeias (Orgs.). *A Unicidade do Conhecimento*. Évora: Universidade de Évora.

O Padre António Sequeira, alentejano nascido em Sousel, Pároco da Freguesia de Vera Cruz no Concelho de Portel, no Alto Alentejo, é um exorcista reconhecido em todo o país. Diz a população da aldeia que está sempre pronto a dar um salto à igreja para exercer a sua função e os pacientes podem voltar sempre que queiram.

Exorciza com a “Cruz do Santo, relíquia que remota ao Século XIII, e os seus esconjuros seguem o Ritual Romano lido em latim. Não espera pela autorização do bispo e procede, logo na altura, sempre que a sua observação lhe mostre estar na presença de autênticos possessos.

Quando pelo contrário pensa que são “doenças nervosas ou casos parapsicológicos” manda-os recorrer ao hospital.²⁰

Durante séculos, e na actualidade, estas curas foram consideradas milagres de Cristo, aproximando-se de um rito de magia. Como afirma Roland Villeneuve:

O exorcismo cristão não afasta nada da magia [...]. No decorrer dos exorcismos, seja qual for a filiação religiosa, a medicina cede assim o lugar ao irracional, ao pedaço de texto sagrado, à relíquia do santo, ao mana que daí se desprende. Em linha de consequência, a cura vai ligar-se não ao raciocínio lógico, mas à recitação dum formulário, de novenas ou rezas²¹

Evidentemente, os médicos e psiquiatras rejeitam as explicações místico-teológicas apresentadas pela Igreja. Perante vários estudos de despite da doença, sabe-se que essas possessões não são mais do que neuroses histéricas.

Partindo do pressuposto da teatralização que está subjacente na possessão demoníaca, o caso relatado por Patalim, e todos os outros que se seguiram ao longo dos séculos, tiveram implicações muito marcantes na comunidade, nomeadamente, nos indivíduos que em Vera Cruz observaram esses rituais de exorcismo. Nas conversas travadas com várias pessoas de Vera Cruz e de outras freguesias do concelho de Portel, verificámos que existe uma grande crença nos poderes do Santo Lenho. Diversos indivíduos relataram casos observados e que passamos a apresentar.

Pedro Fragoso Deodato, 79 anos, reformado, habitante em Vera Cruz, relata que viu homens acorrentados e levados à força para a igreja para serem exorcizados com a relíquia e que saíram de lá bons.

António Joaquim, 48 anos, electricista, natural de Vera Cruz (actualmente mora fora da freguesia) lembrou que quando frequentava a escola, por vezes, ouviam gritos que vinham da igreja onde os possessos entravam com grandes crises. O mesmo informante disse ainda que chegou a ver pessoas que eram levadas à força por oito indivíduos, mas que era muito difícil porque os possessos rejeitavam

²⁰ Fernando Hélder Sequeira Torres, op. cit., p. 31

²¹ Roland Villeneuve, *As Possessões Diabólicas*, p.119.

entrar na igreja. Todavia, ao fim de algum tempo, e depois de exorcizados, saíram calmos pelos seus próprios pés.

Maria Francisca, 40 anos, cozinheira e moradora em Vera Cruz; Maria José, 53 anos, empregada de cozinha, natural de Vera Cruz, mas moradora em Lisboa; Maria Vicência Mendes, 55 anos, empregada de limpeza, natural de Vera Cruz e moradora em Odivelas – todas estas informantes relataram casos arrepiantes observados e ouvidos: uma pessoa foi levada à força para a igreja, indo acorrentada e manifestando atitudes algo estranhas – ladrava e comia como os cães. Outro acontecimento lembrado pelas informantes, foi um caso de um possesso que tinha uma força tão grande que, quando o soltaram dentro da igreja para ser exorcizado, lançou-se freneticamente às grades que protegem o relicário do Santo Lenho, gritando exaustivamente.

As referidas informantes acreditam naquilo que observaram e ouviram, reforçando a sua crença ao mencionarem que as pessoas eram levadas a Vera Cruz num estado muito crítico, porém, após o exorcismo, vinham de lá curadas sem manifestarem qualquer sinal de crise. Por outro lado, essa crença estava também visível na informante Maria Francisca que usava como amuleto protector um fio com uma medalha do Santo Lenho.

João Caeiro Gaudêncio Júnior, 73 anos, reformado, morador em Alqueva, relata que viu sair de Alqueva várias pessoas, sobretudo mulheres, que “tinham o diabo no corpo”. Disse ainda que metiam medo e que, segundo as suas próprias palavras, «não sei se é fantasma que tinham, mas o padre com aquela coisa a benzer e a rezar “tens de sair” e ouve-se aquela voz a dizer “não saio”. O padre diz que “tens de sair por onde entraste”. Sai e as pessoas ficam boas».

Na Amieira, Ilídio Pombo Zorro, 70 anos, reformado afirmou que vira pessoas com o “diabo no corpo” que iam ao Santo Lenho e que ainda hoje vão.

Por outro lado, pudemos ainda observar a forma como a crença no Santo Lenho está enraizada na população, ao participarmos na festa da Exaltação da Santa Cruz, no dia 14 de Setembro (2004). A igreja encheu-se de fiéis à hora da missa solene, sendo esta dita por um padre brasileiro convidado para o evento. Este, durante as palavras do sermão, focou vários aspectos ligados à Santa Cruz, nomeadamente a sua Invenção por parte de Santa Helena, a conversão de Constantino, a morte de Cristo como sacrifício de redenção. Depois, curiosamente, lembrou aos fiéis um caso de exorcismo ocorrido com sucesso, alguns anos antes, em Vera Cruz de Marmelar: um rapaz de Vila Viçosa frequentou muitos médicos para que lhe fosse diagnosticado o seu problema de saúde. Contudo, não conseguindo obter resposta para as suas crises, frequentou também bruxas e feiticeiras, mas sem sucesso. Um dia, alguém lhe disse para ir a Vera Cruz de Marmelar. Ele foi, porém, a sua força impedia-o de entrar dentro da igreja. Teve de ser acorrentado e levado involuntariamente para ser exorcizado com a relíquia. Após o ritual, saiu da igreja curado para sempre (este relato confirma os relatos de alguns informantes).

Partindo de todos estes elementos, a eficácia dos poderes sobrenaturais do Santo Lenho residem precisamente naquilo a que se poderá chamar de histeria colectiva. Nela, a crença e a fé suplantam as leis da Ciência, valorizando a relação do homem com Deus e dignificando um espaço sagrado (a igreja de Vera Cruz) onde se exercem rituais que se situam entre a magia e a religião, e cujo objecto principal é o Santo Lenho, protótipo da verdadeira Cruz onde Cristo se imolou para salvar o homem das artimanhas do Demónio (“e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal”²²).

A imanência do sagrado suscita, então, uma atracção no ser humano e, conseqüentemente, desenvolve manifestações de adoração, de culto e de oração onde estão inerentes diversos factores, nomeadamente, os símbolos e a realidade, sendo a fé a manifestação mais importante da verdade. De facto, ao longo dos séculos, foi a fé que manteve vivo o poder místico do Santo Lenho, cuja crença perpetua o conflito entre o homem arcaico ligado ainda aos ritos agrários e o homem moderno ligado ao poder da Ciência. Terminamos a nossa intervenção com uma citação de M. Eliade que realça e sintetiza o poder da fé e a sua interacção com o homem que procura em Deus a cura para as suas doenças e a solução para os seus problemas:

A fé, neste contexto, como aliás em muitos outros, significa a emancipação absoluta de toda a espécie de “lei” natural e, por conseguinte, a maior liberdade que o homem pode imaginar: a de poder participar no próprio estatuto ontológico do Universo. Ela é, portanto, uma liberdade criadora por excelência [...]. Só uma tal liberdade [...] pode defendê-lo do terror da história: a saber, uma liberdade que tem a sua fonte e que encontra a sua validade e o seu apoio em Deus.²³

BIBLIOGRAFIA

- BOUISSON, Maurice (1958) . *A Magia*, trad. António Gonçalves, col. «Documentos do Tempo Presente / 33», Lisboa, Editora Ulisseia.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain (1994). *Dicionário dos Símbolos*, trad. Cristina Rodriguez e Artur Guerra, Lisboa Teorema.
- ELIADE, Mircea (1993). *O Mito do Eterno Retorno*, trad. Manuela Torres, col. «Perspectivas do Homem», Lisboa, Edições 70.
- MARTINEZ, Domingo Salado (1980). *La Religiosidad Magica – Estudio crítico-fenomenológico sobre la interferencia magia-religion*, col. «Estúdio Teológico de San Esteban, GLOSAS, 6», Salamanca, Editorial San Esteban.

²² Final da oração do Pai-Nosso.

²³ Mircea Eliade, *O Mito do Eterno Retorno*, pgs. 172-173.

NUNES, N. (2007) Religião/medicina: uma questão de fé? – o santo lenho de vera cruz de marmelar (portel) e as “possessões demoníacas”. In, V. Trindade, N. Trindade & A.A. Candeias (Orgs.). *A Unicidade do Conhecimento*. Évora: Universidade de Évora.

MINOIS, Georges (2003). *O Diabo*, trad. Augusto Joaquim, 12.^a ed., Lisboa, Terramar.

OMEZ, R. P. Reginald (1959). *Supranormal ou Surnaturel? – Les Sciences Métaphysiques*, col. «Je Sais- Je Crois», Encyclopédie du Catholique au XXème Siècle, troisième partie, Qu'est-ce que l'Homme, Paris, Librairie Arthème Fayard.

PATALIM, Francisco de Macedo da Pina (1992). *Relação Histórica da Nobre Vila de Portel*, edição fac-símile, s/l, Junta de Freguesia de Portel, Câmara Municipal de Portel.

TEIXEIRA, E; FEIO (1985). Mariano, *Um Possesso numa aldeia do Alentejo nos anos 80*, Separata da *Revista Lusitana*, Nova Série, n.º 6, Lisboa.

TORRES, Fernando Hélder Sequeira (1981). *Contribuições para o estudo dos cultos de possessão*, vol. II – Dissertação de Doutoramento em Antropologia, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, F.C.S.H., Departamento de Antropologia.

VILLENEUVE, Roland (s/d). *As Possessões Diabólicas*, col. «Portas do Desconhecido», trad. Fernando Melro, Mem Martins, Publicações Europa-América.

Bíblia Pastoral, vol. I-II, trad. Ivo Storniolo, Alfragide, Ediclube, Edição e Promoção do Livro Lda, 1999.